

A Memória dos objetos *

Foi em 1991 quando primeiro me senti fazendo parte de uma instalação, dessas que as artes plásticas já nos acostumaram a entrar. Era fim de inverno - início de primavera - em Paris, e eu arrisquei a materializar-me, sem aviso prévio, na porta de entrada do apartamento de Edson de Sousa e Elida Tessler. Depois do impacto ao abrir a porta, a alegria do reencontro e a "instalação" de minha cama noturna entre as telas de Elida, naquele que era seu atelier. Então às vezes acontecia de sonhar durante o dia e acordar durante a noite, com os humores dos ferros torcidos e os vapores da ferrugem da história, dos restos dos metais europeus recolhidos para produzir a série de trabalhos denominados por Elida de "Interstícios".

Então ela me dizia que era a cor dos metais, naqueles desenhos que eu via formarem-se em grandes painéis brancos. E eu tentava entender como os traços da decomposição (ferrugem) poderiam gestar algo novo. Talvez "interstícios" pudesse mesmo representar essa passagem entre dois estados: dois mundos: dois tempos... Em todo caso, eu me encontrava com a História pela primeira vez: eu sentia mesmo o enigma da passagem do tempo passeando pelas ruas de Paris: topava com pegadas, tragos corporais daqueles que até então eram somente idéias abstratas, penduradas num céu limpo e eterno. Para eles, não teria havido nem começo, nem fim, não teria havido interstícios, passagens. Então, tropecei na obra de Camille Claudel, naqueles corpos em decomposição que desafiavam a escultura. Nessa noite, não consegui dormir, sufocada pela ferrugem da passagem de Camille a Elida.

1999, barracões do antigo DEPREC, mais uma passagem que Elida nos apresenta: um corredor. Faz parte de seu mais recente trabalho exposto na Bienal do Mercosul, denominado "Doador": a exposição, nas paredes de um corredor, de uma série de objetos cujos nomes terminam em "dor", pedidos como doação pela autora. Entrei no corredor procurando o "meu" objeto, aquele que eu teria doado, que supostamente teria se desprendido de mim e não mais precisaria representar-me. E aí- fui me perdendo nas pegadas dos objetos, nas memórias dos recantos que lhes teriam servido de suporte. Freud veio socorrer-me do despedaçamento das décadas e das casas que se materializavam naquele corredor, lembrando-me do jogo de seu neto com o carretel, compondo a fonética da memória do laço com a mãe. Walter Benjamin também me tomou pela mão, falando-me de seu "Rua de Mão única"**, na construção narrativa - de inspiração proustiana- de memórias de sua infância. Benjamin apóia-se no que, em outros textos, denomina "memória do objeto". Seus escritos partem da mimesis a elementos discretos, a objetos ou tragos que recortam um ponto a partir do qual a narrativa é construída (o dedal da caixa de costuras de sua mãe, por exemplo). É assim que ele carrega o leitor pelas passagens da vida: passagem entre tempos: passagem entre línguas: passagem entre culturas: passagem entre representações...

Foi dessa forma que naquele corredor de tantas portas, tantas saídas por significantes que escorriam das paredes, desses que fazem a gente sonhar e brincar, eu esquecera o fio que me conduzia. Encontrei-o do lado de fora, na série de plaquinhas, onde cada uma indicava "Doador" acima do nome, também com a indicação do objeto. E assim encontrei-me com o nome que era eu, mas que não me pertencia, que a autora transformara nos fios invisíveis dos objetos. E assim reconheci a experiência de um corredor da infância, quando a evocação - o apelo do nome - sempre me trazia companhia.

*Texto originalmente publicado no Caderno de Cultura, do Jornal Zero Hora, Porto Alegre em 11/12/99

** Benjamin, W. Rua de mão Única. In: _____. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasilense, 1997